

O USO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO CONTRIBUIDORAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autores

Rafaela Lopes Magalhaes
Aurora Joly Penna Mariotti

1. Introdução

A definição do tema/título deste trabalho: “O uso de histórias infantis como contribuidoras no desenvolvimento da criança na Educação Infantil” surgiu a partir de minha experiência como professora de Educação Infantil ao contar histórias para crianças da faixa etária de 0 a 3 anos e estimular o manuseio de livros, chamando-me a atenção o interesse demonstrado pelas crianças durante estas atividades.

Vale esclarecer que aprendemos a ler o que está a nossa volta desde que nascemos, porém o aprendizado da leitura do mundo pode-se dar de maneira natural, pois já realizamos a leitura do ambiente em que estamos inseridos e daquilo que dele faz parte antes mesmo da alfabetização, ao fazermos a leitura sonora, visual e gráfica de memória.

Ao iniciar a escolarização, o bebê, em contato com o livro tende a levá-lo a boca, mas aos 10 meses aproximadamente mostram interesse em vislumbrar as imagens.

Como componente facilitador da interação social da criança, a leitura é um olhar aberto para o mundo, interagindo com esse mundo através de uma experiência interior (e não meramente exterior). Como se sabe, são as experiências interiores que realmente formam a mente e a personalidade do indivíduo.

Para Martins (1990: 20) leitura significa a conquista da autonomia, permitindo a ampliação dos horizontes e aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados e esse jogo com o universo escondido num livro vai estimulando na criança a descoberta e aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo.

A leitura pode surgir a partir de um simples contato do leitor com o livro ou com qualquer outro “objeto” que possa ser lido. Portanto, existem vários conceitos de leitura como, por exemplo, os textos não-verbais que não são escritos e que precisam ser observados para serem compreendidos.

Na leitura não-verbal não é necessário que o leitor esteja alfabetizado para lê-la e interpretá-la. O contrário ocorre com a leitura verbal que “apóia-se no domínio de sua competência” (FERRARA, 26), tendo como objetivo descobrir a mensagem que o texto quer passar aquilo que quer dizer. Neste caso precisa-se ter a habilidade da leitura para poder ter acesso e compreender tais tipos de textos. Sabe-se que o texto não-verbal apresenta-se numa linguagem sem códigos. Os textos não-verbais estão em espaços públicos ou privados, estão diluídos no espaço urbano cotidianamente.

A leitura não-verbal é uma maneira de ler: visão/leitura, espécie de olhar tátil, multisensível, sinestésico. Não se ensina como ler o não-verbal, exige uma leitura, se não desorganizada, pelo menos sem ordem preestabelecida, convencionada ou sistemática. A leitura não-verbal “não detém e não produz um saber, ela aciona um processo de conhecimento a partir da experiência e do exercício cotidiano da sua prática: a capacidade associativa e a produção de inferências, conhecimento como interpretação” (FERRARA 26).

Este tipo de leitura não verbal é realizada, especialmente, pelo pré-leitor ao utilizar a visão e o tato para decifrar os códigos gráficos presentes num livro ou numa figura.

O pré-leitor é caracterizado por crianças na faixa etária dos 15 meses aos 3 anos, período este em que as crianças não realizam a leitura gráfica de maneira convencional, ou seja, não decodificam letras, mas sim imagens ou figuras. Para Coelho (2000:33), a fase do pré-leitor é subdividida em dois períodos, sendo:

A primeira infância - 15 meses a 2 anos a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato “. É a chamada fase da” invenção da mão, pois seu impulso básico é de pegar em tudo que está ao seu alcance. É também o momento em que a criança inicia a própria linguagem e passa a nomear a realidade a sua volta.

A segunda infância – 2 aos 3 anos começa a predominar os valores vitais – saúde e sensoriais - prazer, carências físicas ou afetivas, é quando se dá a passagem da indiferenciação psíquica para a percepção do próprio ser. Inicia-se a fase egocêntrica e dos interesses ludo práticos. Impulso crescente de adaptação no meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal.

2. Objetivos

Diante do exposto, há a necessidade de explorar as contribuições que as histórias infantis trazem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança (COELHO, 2000:197), na Educação Infantil, especificamente o pré-leitor. Para tanto o objetivo deste estudo é apresentar contribuições de histórias infantis para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, especificamente o pré-leitor.

3. Desenvolvimento

Para desenvolver este estudo, recorreremos a nossa experiência na Educação Infantil com o pré – leitor, abrangendo a primeira e segunda infâncias (crianças de 15 meses a 3 anos), quando possibilitamos o manuseio dos livros e o ouvir e contar histórias.

A partir do interesse demonstrado pelas crianças é que organizamos projetos que privilegiem o contato com histórias da literatura infantil, muitas vezes, seguidos de atividades que envolvem momentos de reflexão em roda, atividades artísticas - desenho, pintura, colagem etc ou atividades físicas como brincadeiras relacionadas ao tema da história.

A metodologia desenvolvida é organizada de acordo com a idade das crianças, por isso a variação de tipos de atividades e a forma com que é apresentada aos alunos.

No período da primeira e segunda infância, durante o desenvolvimento das atividades, é presente a elaboração da linguagem organizada, durante a qual a criança vai aprendendo a ver e não só olhar o mundo; vai descobrindo os nomes das coisas que rodeiam. Tal nomeação é fundamental no processo do desenvolvimento perceptivo/intelectual dos pequenos, à medida que os leva a estabelecer relações de identidade entre a situação representada no livro pelas imagens, o mundo visível e concreto que lhes é familiar e o mundo invisível da linguagem que eles devem aprender a dominar. (COELHO, 2000:198)

Em casa e na escola, o estímulo e orientação do adulto são fundamentais para a brincadeira com livro. Ocorre a descoberta do mundo concreto e do mundo das linguagens através das atividades lúdicas. Tudo que ocorre ao redor das crianças é muito importante e significativo para seu desenvolvimento.

No entanto, como orienta Coelho (2000) os livros adequados a essa fase devem propor a realidade do cotidiano familiar e apresentar as características estilísticas, como o predomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações etc), sem texto escrito ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança comece a perceber a relação entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra que nomeia seu mundo real.

As imagens presentes no livro devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança ou que lhe seja de alguma forma atraente, os desenhos ou pinturas coloridas ou em preto e branco, em traços ou linhas nítidas, ou em massa de cor que sejam simples e de fácil comunicação visual. A técnica de colagem tem se mostrado muito atraente para o olhar e interesse infantil. A graça o humor, o clima de expectativa ou mistério são essenciais no livro para o pré-leitor. A técnica da repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado.(COELHO, 2000: 33).

Nesse trabalho de iniciação do leitor na Educação Infantil, o material - o qual é confeccionado o livro para as crianças de 0 a 5 anos, também requer cuidados por ser manuseado por um leitor especial. Nos primeiros contatos do bebê com o livro, fase de experimentação, é necessário que os exemplares sejam feitos de pano, de plástico, emborrachado, de papelão duro, são os mais adequados para eles brincarem e morder a vontade.

Após este processo, a criança já reconhece o livro como parte integrante de suas brincadeiras. Certa vez, ao terminar a atividade de leitura, os alunos (1 ano e 9 meses a 2 anos e 5 meses) ficaram livres para escolher seus brinquedos, dentre estes, estavam livros de pano e plástico (mais conhecido como livro de banho), uma das crianças organizou um grupo de amigos e passou a imitar os gestos e a forma de contar da professora, assim interagindo com o grupo e utilizando o livro como processo lúdico.

A criança lê do seu jeito, folheando e olhando figura e nomeando-as, ainda que não decodifique palavras e frases escritas. Ela aprende também observando o gesto de leitura dos outros – professores, pais e outras crianças.

Já em outro episódio, contava a história da “Chapeuzinho Vermelho”, para alunos entre 2 anos e 6 meses a 3 anos, quando ao terminar, deixei espaço aberto para comentários e discussões, um aluno se manifestou dizendo que a mesma história contada por sua avó, era diferente: “Na história que a minha avó conta, o lobo mal come a vovozinha. Na sua história, o lobo mal esconde a vovozinha dentro do guarda roupa”. A partir desta manifestação, explicamos que existem histórias com o mesmo título, mas dependendo do autor, a interpretação pode ser diferente. Diante disso, percebe-se que criança pode não saber ainda ler e escrever,

mas já produz texto: pensa, fala se expressa a partir do que foi ouvido ou visto.

4. Resultados

O estudo apresentado ainda não está finalizado, por isso não temos a pretensão de referirmo-nos a resultados, mas cabe ressaltar alguns aspectos relevantes já citados na bibliografia estudada.

Desde cedo a criança pode vivenciar um ambiente estimulador da leitura - ao visualizar as imagens, ao tatear diferenciados tipos de materiais que se confecciona livros para a faixa estudada, ao presenciar a leitura de obras por pais ou professores, ao presenciar situações de uso da escrita e da leitura – contribuindo para formação do gosto por esta prática e tornando-a cotidiana para a vida dos pré-leitores.

Piaget defende que as crianças são ativamente participantes no desenvolvimento do seu próprio conhecimento, passando assim a adaptar-se ao mundo da melhor forma para melhor se satisfazer (Bee, 1996). Sendo assim, elas participando de atividades ou brincadeiras estarão diretamente desenvolvendo seu conhecimento e partindo para práticas que melhor se identificam, seja esta a leitura visual, a audição de histórias ou o simples manuseio de livros; características estas referentes à idade de 0 a 3 anos.

5. Considerações Finais

A vivência de todo este período em contato com a Educação Infantil fez com que os momentos de desenvolvimento das atividades relacionadas à histórias infantis não fossem significativos apenas para a criança. Passou a ser observado com criticidade para pensarmos no planejamento de cada atividade desenvolvida, avaliando todos os momentos, desde a apresentação da história até seu estudo com desenhos, falas, atividades físicas e outras.

Como citado no objetivo, existe a necessidade de explorar as contribuições que as histórias infantis trazem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança na Educação Infantil, especificamente o pré-leitor e a partir das bibliografias já estudadas pode-se apresentar uma prévia dessas contribuições. O florescer da fala das crianças quando realizam a repetição das figuras, a estimulação motora ao iniciarem o manuseio do livro, o raciocínio lógico ao recontarem a história já apresentada pela professora etc.

Isso mostra que a preocupação em montar um projeto, desenvolver atividades com crianças desta faixa etária, não deve objetivar apenas o cumprimento de cargas horárias e simples conteúdos pedagógicos específicos desta sala de aula.

Na perspectiva apresentada, realçamos que todo o trabalho desenvolvido com crianças de 0 a 3 anos, atinge direta e indiretamente funções vitais e sociais, por isso existe a necessidade de que este estudo não se limite apenas em contribuir para a comunidade acadêmica, mas também, fazer parte de um estudo para professores atuantes em escolas de Educação Infantil.

Referências Bibliográficas

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DOS DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volumes: I, II e III. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. **Criança**. Brasília. s/ v, n. 40, p. 18-26, set. 2005;

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12. ed. Editora Brasiliense, 1990.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. trad. de Lenny Werneck. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7ª Edição. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.